

## FORMAR LEITORES NA SOCIEDADE DO CONHECIMENTO

Balula, João Paulo Rodrigues (jpbalula@esev.ipv.pt)

CI&DETS (Instituto Politécnico de Viseu - ESEV)

**Palavras-chave:** Formação de leitores; leitura; compreensão.

### Resumo

A apropriação da informação escrita, a partir de uma rápida e eficiente pesquisa, tornou-se vital. Neste contexto, cabe à Escola proporcionar a todos os indivíduos o desenvolvimento da compreensão do escrito.

Nesta comunicação, pretendemos reflectir sobre o papel desempenhado pela Escola na formação de leitores. Do Jardim de Infância ao Ensino Secundário, existe o imperativo de contribuir para que a leitura seja utilizada por todos os alunos, não só para se apropriarem da informação produzida por outrem, como também para a organizar e produzir novos significados e novos conhecimentos, tornando-se num recurso insubstituível para transformar o próprio conhecimento, reorganizando-o e elaborando-o.

Pretendemos também fazer uma análise do que está previsto nos documentos legais que regulam o funcionamento da escola para o confrontarmos com os indicadores disponíveis sobre as práticas e apresentar algumas propostas para ultrapassar as dificuldades que persistem, de modo a que a formação de leitores, ao longo do percurso escolar, se torne numa verdadeira estratégia para o sucesso educativo.

### 1 – A leitura no século XXI

O investimento na educação e na formação tem sido sucessivamente apontado como estratégico para a sociedade moderna. Como é defendido pela Comissão Europeia (2009), “more than ever Europe’s success in global competition is dependent on it’s skills and innovation capacities and a swift transition to a low-carbon, knowledge-based economy” (p. 10). O papel da educação e da formação tem, assim, de continuar a ser reforçado uma vez que “innovation and growth will be weak without a broad foundation of knowledge, skills and competences which promotes talent and creativity from an early age and is updated throughout adulthood” (CEC, 2009, p. 10).

Aceitando o êxito da Sociedade do Conhecimento como um objectivo da actualidade, é imprescindível que também o seja a aquisição da capacidade de leitura por parte dos cidadãos. É neste contexto que “*The European Framework for Key Competences for Lifelong Learning*” (EC, 2007) identifica e define oito competências-chave necessárias para a realização pessoal, a cidadania activa, a inclusão social e a empregabilidade na sociedade do conhecimento: “*communication in the mother tongue*”; “*communication in foreign languages*”; “*Mathematical competence and basic competences in science and technology*”; “*digital competence*”; “*learning to learn*”; “*social and civic competences*”; “*Sense of initiative and entrepreneurship*”; e “*cultural awareness and expression*” (EC, 2007, p. 3). Pretende-se que a educação e a formação inicial promovam o desenvolvimento destas competências-chave, preparando todos os cidadãos para o trabalho e para a aprendizagem ao longo da vida: “*Competence in the fundamental basic skills of language, literacy, numeracy and in information and communication technologies (ICT) is an essential foundation for learning, and learning to learn supports all learning activities (ibidem)*. Por outro lado, “*critical thinking, creativity, initiative, problem-solving, risk assessment, decision-taking, and constructive management of feelings play*” (EC, 2007, p. 3) são aspectos relevantes em todas as competências-chave.

Os formatos e suportes em que aparecem os textos que podem ser lidos têm sofrido grandes alterações ao longo dos tempos. A formação de leitores, nos nossos dias, tem que ser feita relativamente aos formatos clássicos, mas tem também que ajudar a preparar os leitores para os novos suportes. Utilizar as novas tecnologias como suporte para a leitura e para o seu ensino implica ter presente um conjunto de princípios que lhe permitam reflectir criticamente sobre a relação e coerência dos dados com que é confrontado, bem como sobre a contextualização, pertinência e validade da informação que tem ao seu dispor, no ecrã, em grandes quantidades.

Da escola espera-se que cumpra as expectativas sociais no que se refere às práticas de leitura dos cidadãos. Cabe-lhe iniciar e promover essas práticas de leitura. Porém, quer as práticas de leitura, quer o próprio conceito de leitura foram evoluindo e criaram uma visão diferente acerca do conceito de leitor. Hoje, ler é uma actividade que implica uma multiplicidade de competências que exigem uma postura de constante exploração e de construção de sentido. Como afirmámos noutro trabalho (Balula, 2007), “a leitura é assim uma ferramenta fundamental para aceder ao conhecimento, mas, lamentavelmente, nem sempre é utilizada por todos os estudantes, de modo a aproveitar todas as suas potencialidades” (p. 59).

## **2 – A formação de leitores**

Durante os anos 80, os investigadores esforçaram-se por conceber um modelo interactivo generalizado da compreensão na leitura que integrasse não somente os processos do leitor, mas também os parâmetros que constituem o texto e o contexto (Giasson, 1993; Colomer & Camps, 2000). O leitor atribui sentido a um escrito, servindo-se, por sua vez do texto, dos seus conhecimentos e do seu projecto de leitura.

A leitura é, assim, uma actividade mental complexa que pode ser analisada sob duas perspectivas complementares. Em primeiro lugar, lê-se para compreender, independentemente da motivação posterior dessa compreensão: informação, distração, aprendizagem, *etc.* A dimensão da compreensão é indispensável e, não sendo todavia específica à leitura, é preexistente à aprendizagem da leitura sendo ainda exercida ao longo e fora desta aprendizagem. Em segundo lugar, a leitura é uma actividade complexa durante a qual o leitor deve coordenar diferentes processos: reconhecer os termos, construir o significado das frases e dos textos, reter o que já leu, entre outros. Uma grande parte destes processos está já disponível e exercitada regularmente na expressão oral. O que é novo com a leitura é que as condições para estabelecer estes diferentes processos diferem daqueles que prevalecem na expressão oral: o texto permanece disponível sob os olhos, o que permite adaptar a velocidade do tratamento das palavras ou mesmo reler, o que não é possível na expressão oral.

A leitura é uma actividade que possibilita transmissão de saber e relação com o conhecimento do passado e do presente. Há, na leitura, uma partilha de saber e de conhecimento que ora se aceita, ora se recusa, ora se problematiza.

Nesta perspectiva, formar leitores é ensinar a compreender um texto, é ensinar a reconhecer e a dar sentido e interesse ao texto, o que supõe necessariamente o trabalho, o prazer e a emoção da leitura. Compete assim à Escola, “em grande parte, a formação do leitor do século XXI, que se confronta com desafios cada vez mais complexos. Assim, esta terá que adequar as suas estratégias às necessidades do mundo actual, para poder ultrapassar os problemas detectados e contribuir para a melhoria do desempenho dos alunos, futuros cidadãos” (Martins & Sá, 2008, pp. 238-239).

Por outro lado, o aparecimento das novas tecnologias da informação e da comunicação coloca-nos novos desafios que advêm das vantagens e dos problemas de

dispor de um novo formato a partir do qual se lê: o ecrã. A escola não pode ignorar esta realidade, mas sim integrá-la plenamente.

Não se pode também descurar a importância da gramática na formação de leitores. Segundo Costa (2008), “vários trabalhos, em particular os de Armanda Costa para o português, têm mostrado como o conhecimento explícito de padrões sintácticos complexos é facilitador de uma leitura bem sucedida quer em termos de velocidade, quer em termos de capacidade de interpretação” (p. 163).

Uma vez que os textos estruturam a informação de acordo com configurações diferentes em função dos diferentes géneros, uma explicitação desses diferentes géneros textuais e “das suas características prototípicas favoreceria uma classificação dos textos ou das partes que o compõem, facilitando e potenciando a sua leitura e interpretação. O reconhecimento de estratégias utilizadas em diferentes tipos de texto pode, ainda, fortalecer o sentido crítico dos alunos, que podem, com instrumentos deste tipo, distinguir fontes de informação credíveis de textos meramente opinativos” (Costa, 2008, p. 163). Nas circunstâncias actuais em que o acesso a textos, através da utilização da Internet, se tornou extremamente fácil, esta é uma competência fundamental.

Deve ainda ter-se em conta que “a identificação de padrões textuais prototípicos possibilita a activação de estratégias cognitivas de leitura adequadas aos objectivos do leitor” (Costa, 2008, p. 163). A identificação do género textual facilita assim a leitura e potencia o seu sucesso.

Devemos considerar também um conjunto de orientações a seguir sempre que na Escola se trabalha, como é esperado, para formar leitores. Em primeiro lugar a formação de leitores deve ser uma actividade regular e continuada, devendo ser provocada, abundante, variada e sem ser muito centrada nas questões da dificuldade. A formação de leitores deve constituir-se como um (longo) processo e deve investir na leitura de textos de qualidade comprovada, de vários tipos, de crescente grau de dificuldade e beleza, de modo a constituir-se como um desafio a ir mais longe e mais fundo na compreensão e na fruição estética. A Escola deve ainda associar a leitura a todo o tipo de aprendizagens e de textos, promovendo o contacto individual e visual com o texto de modo a poder-se concretizar uma apropriação simultaneamente pessoal e integral desse texto como um todo, sendo trabalhadas abordagens progressivamente mais complexas no sentido de potenciar diferentes dimensões (lúdica, criativa, social e fruição estética) que podem incluir a relação do texto com outras linguagens artísticas.

A primeira oportunidade que, actualmente, o sistema educativo tem para contribuir para a formação de leitores situa-se ao nível da Educação Pré-escolar. A prática educativa no jardim-de-infância, fundamentada nas linhas nacionais orientadoras compaginadas nas “Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar” (OCEP), pode desempenhar um papel importantíssimo na formação de leitores.

Reconhecida a importância dos saberes e das representações das crianças sobre o sistema escrito, é fundamental que elas tenham acesso a um ambiente em que lhes seja proporcionado um conjunto de materiais, actividades e experiências de qualidade que terão um papel importante no sucesso relativamente à aprendizagem da leitura e da escrita. O envolvimento das crianças que frequentam o pré-escolar em actividades informais de literacia deve ser visto como uma forma de facilitar a emergência de competências relacionadas com a linguagem escrita (Dionísio & Pereira, 2006).

Espera-se que o jardim-de-infância aceite e expanda, em condições adequadas, o que as crianças já sabem sobre a leitura e a escrita, criando “contextos que suportem e facilitem a indagação, que respeitem o desempenho e que forneçam as oportunidades para a participação em eventos de literacia reais” (Dionísio & Pereira, 2006, p. 5).

São muitas as evidências da importância do papel assumido pela leitura de contos no desenvolvimento da alfabetização emergente das crianças e do interesse em que a aproximação aos contos tenha início em idades muito tenras. Os livros e as histórias contribuem para potenciar o desenvolvimento das crianças antes de aprenderem a ler. O adulto e, em especial, os pais, assumem um papel primordial no contributo da criação, desenvolvimento e consolidação do hábito e gosto pela leitura por parte dos seus filhos. O espaço familiar oferece possibilidades inigualáveis que contribuem para o processo de criação de leitores uma vez que pode apresentar a leitura sem obrigações nem exigências, como algo que se desfruta durante o tempo de ócio, algo que, através da palavra, reforça os afectos e convida a partilhar emoções.

A escola continua, ao longo do Ensino Básico, a desempenhar o seu papel na formação de leitores, a começar pelo ensino formal da decifração. O gosto, a fluência e a confiança na leitura adquirem-se com o apoio contínuo, sustentado, diversificado, seguro e positivo daqueles em quem as crianças confiam, em momentos e situações agradáveis.

Podemos assim concluir que a organização escolar deve ter em conta diversos âmbitos de actuação: a leitura autónoma, a leitura partilhada na sala de aula, a leitura relacionada com os diferentes objectivos curriculares e a leitura orientada pelo docente. A criação de hábitos de leitura, a pertença a uma comunidade cultural, a integração de conteúdos educativos e a aprendizagem interpretativa encontram nestes espaços a sua trajectória natural de desenvolvimento.

### **3- Da formação de leitores ao sucesso educativo**

As bases para um longo relacionamento com a leitura são estabelecidas antes de a criança ler uma única palavra. Desenvolver um relacionamento forte e positivo com os livros, desde muito cedo, traz uma recompensa imediata, mas também fornece a motivação para enfrentar com mais garantia de sucesso o desafio de aprender a ler. As crianças que ouvem ler com frequência e têm um envolvimento próximo com material escrito diversificado nos seus primeiros anos, aprendem a ler mais rápida e facilmente.

A leitura deve ser pensada como parte integrante da aprendizagem em todas as áreas e a Escola não pode estar sozinha na formação de leitores. Precisa da família e de toda a sociedade para formar leitores capazes de ler o mundo cada vez mais complexo. Contudo, quando as outras instituições não dão a resposta que seria esperada, a escola tem que saber reinventar-se e ser capaz de colmatar o que as outras instâncias não souberam ou não quiseram dar.

Considerando a importância atribuída à leitura no século XXI, conclui-se assim que deve ser reforçada a aposta na articulação entre as instituições do Ensino Superior e os centros de investigação, por um lado, e, por outro, os agrupamentos de escolas e as escolas não agrupadas. Esta articulação deve assentar na realização de protocolos que permitam a investigação das práticas e o acompanhamento do desenvolvimento profissional dos docentes, procurando dar continuidade às boas experiências de articulação entre o trabalho desenvolvido ao nível da incorporação dos resultados da investigação na prática docente nos diferentes níveis da actuação dos educadores e dos professores (Jardim-de-infância, Ensino Básico e Ensino Secundário).

Do professor espera-se que seja alguém aberto à mudança, aos novos desafios, às novas práticas discursivas, alguém permanentemente actualizado, alguém que veja a leitura como condição prioritária do sucesso escolar e como instrumento de integração social. Espera-se que seja um bom leitor, capaz de motivar para a leitura.

#### 4- Referências Bibliográficas

- Balula, J. P. R. (2007). *Estratégias de Leitura funcional no ensino / aprendizagem do Português*. Tese de Doutoramento. Universidade de Aveiro.
- Beckett, S. L. (2009). *Crossover fiction: global and historical perspectives*. New York: Routledge.
- Chall, J. S., Bissex, G. L., Conrad, S.S., & Harris-Sharples, S. (1996). *Qualitative assessment of text difficulty: a practical guide for teachers and writers*. Cambridge: Brookline Books.
- Colomer, T., & Camps, A. (2000). *Enseñar a leer, enseñar a comprender*. Madrid: Celeste/M.E.C.
- Costa, J. (2008). Conhecimento gramatical à saída do Ensino Secundário: estado actual e consequências na relação com leitura, escrita e oralidade. In DGIDC, *Actas. Conferência Internacional sobre o Ensino do Português* (pp. 149-165). Lisboa: Ministério da Educação.
- Dionísio, M. L. (2000). *A construção escolar de comunidades de leitores: leituras do manual de português*. Coimbra: Almedina.
- Dionísio, M. L., & Pereira, I. (2006). A educação pré-escolar em Portugal – Concepções oficiais, investigação e práticas, *Perspectiva, Florianópolis*, V. 24, n. 2, p. 597-622, Jul./dez. Consultado em 29 de Julho de 2010 através de <http://www.perspectiva.ufsc.br>
- European Communities (2007). *Key competences for lifelong learning. European reference framework*. Consultado em 29 de Julho de 2010 através de [http://ec.europa.eu/dgs/education\\_culture/publ/pdf/ll-learning/keycomp\\_en.pdf](http://ec.europa.eu/dgs/education_culture/publ/pdf/ll-learning/keycomp_en.pdf)
- Freire, P. (1999). *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez.
- Giasson, J. (1993). *A compreensão na leitura*. Porto: Edições ASA.
- Linuesa, M. C. (2007). *Leitura e Cultura Escrita*. Mangualde: Edições Pedagogo.
- Mata, L. (2008). *A descoberta da escrita. Textos de apoio para educadores de infância*. Lisboa: Ministério da Educação/DGIDC.
- Martins, M. A. (1996). *Pré-história da aprendizagem da leitura*. Lisboa: ISPA.
- Ministério da Educação (1997). *Orientações curriculares para a educação pré-escolar*. Lisboa: Departamento de Educação Básica – Ministério da Educação.
- Morais, J. (1994). *A arte de ler: psicologia cognitiva da leitura*. Lisboa: Cosmos.
- Nyssen, M.-C., Terwagne, S., & Godemir, A. (2001). *L'apprentissage de la lecture en europe*. Toulouse: Presses Universitaires du Mirail.
- Paulino, G. (1997). No silêncio do quarto ou no burburinho da escola. In *Presença Pedagógica*. Belo Horizonte: Dimensão, vol. 3, n.º 16. Jul./ago. 1997, p. 30-37.
- Trindade, M. N. (2009). O ensino e a aprendizagem da compreensão leitora: algumas notas sobre o que está por fazer em Portugal. In J. Bonito (Org.), *Ensino, qualidade e formação de professores* (pp. 291-307). Évora: Departamento de Pedagogia e Educação da Universidade de Évora.
- Viana, F. L. (2001). *Melhor falar para melhor ler*. Braga: Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho.
- Viana, F. L. (2002). *Da linguagem oral à leitura: construção e validação do teste de identificação de competências linguísticas*. Lisboa: Fundação para a Ciência e Tecnologia/Fundação Calouste Gulbenkian.